



ANÁLISE DO DISCURSO “OFICIAL” BRASILEIRO SOBRE O COVID-19 À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO EM MICHEL FOUCAULT

Karla de Oliveira Santos ¹

RESUMO

Para Michel Foucault, o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas sim, uma história. E a partir dessa perspectiva teórica e metodológica, nos propomos nesse trabalho, analisar os discursos “oficiais” do Presidente da República sob a ótica da Análise do Discurso em Michel Foucault sobre a COVID-19, epidemia global, que atinge o mundo. No Brasil, temos vários elementos históricos, políticos e sociais, que trazem implicações na minimização e prevenção do problema, como o avanço do capitalismo ultraneoliberal, o governo neofascista, a aversão às orientações da Organização Mundial da Saúde, o apoio das empresas neopentecostais evangélicas e do capital, que subestima o poder letal do vírus e prioriza a economia em detrimento de vidas. Nesse sentido, os discursos estão imersos em relações de saber e poder, a partir da legitimidade do discurso do dignitário, que tem produzido “verdades”, práticas e constituem o sujeito social. E “acima de tudo e de todos”, provocado uma desigualdade abissal.

Palavras-chave: Análise do Discurso em Michel Foucault, COVID-19, discurso oficial brasileiro.

INTRODUÇÃO

O Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias, no caso da pandemia desse novo agente, foi descoberto em 31 de dezembro de 2019 em Wuhan, na China. O vírus atual faz com que os portadores deles tenham a doença chamada de coronavírus (COVID-19). Os primeiros casos de coronavírus humanos foram destacados pela primeira vez em 1937, no entanto, foi em 1965 que o vírus foi descrito como coronavírus, em decorrência do perfil na microscópica, assemelhando-se a uma coroa.(MACEDO,ORNELLAS e BONFIM, 2020).

De acordo com dados do Ministério da Saúde (2020)², disponíveis em seu sítio eletrônico, todos os Estados brasileiros apresentaram casos e óbitos relacionados ao

¹ Doutora em Educação, Professora da Educação Básica do Município de São Miguel dos Campos-AL.Email: karlasmcampos@hotmail.com;

² Pesquisa realizada em 20 de maio de 2020, no site <https://covid.saude.gov.br/>.



COVID-19. E inclusive já superamos os casos de óbitos de muitas nações, a exemplo da própria China por Coronavírus, com 18.859 casos.

Nesse sentido, temos presenciado a produção de discursos pelo nosso Chefe de Estado, que coloca em risco vidas e usurpa os Direitos Humanos, mas precisamente, os Direitos Sociais, como a Saúde e Proteção Social. Tais “verdades” serão analisadas metodologicamente sob à ótica da análise do discurso em Michel Foucault, a partir de alguns discursos sobre o Coronavírus, compreendendo o discurso como dispositivo de poder.

A Análise do Discurso em Michel Foucault

Michel Foucault inicia seus estudos sobre o discurso, a partir de sua tese de doutorado, que culminou com a obra História da Loucura (1961), posteriormente escreve o livro o Nascimento da Clínica (1963), logo depois a obra, As palavras e as Coisas (1966) e finalmente a Arqueologia do Saber (1969), onde expõe a metodologia do trabalho e aponta os procedimentos para a Análise do Discurso.

Para Foucault (2007), o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história:

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os tornam irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (Foucault, 2007, p.56).

Para analisar os discursos precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último do sentido oculto das coisas. (FISCHER, 2012).

O discurso é um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva (FOUCAULT, 2014, p.135). Além de revelar a posição que o sujeito ocupa e



como ele está inserido numa relação de poder, sendo o discurso representado por um jogo de lutas, resistências e antagonismos.

Há uma ordem que controla o dizer dos sujeitos em todas as sociedades. O discurso é concebido como uma prática regular e reguladora ao mesmo tempo cotidiana e cinzenta e constituída de poderes e perigos (PIOVEZANI; CURCINO; SARGENTINI, 2014).

Fernandes (2014) ainda acrescenta que o sujeito é constituído por discursos historicamente produzidos e modificados; portanto, sempre movente, em constante produção, ou seja; o discurso é uma categoria fundante do sujeito, do saber, do poder, da verdade, da subjetividade.

Os discursos possibilitam a formação de objetos e sujeitos, sendo este último, produto dos efeitos de subjetivação, em um processo de deslocamento, que produz discursos exteriores a si próprio, marcados pela descontinuidade, já que a produção e transformação dos discursos possui uma historicidade.

Os discursos só são analisáveis sob um feixe de explicações que ligam as instituições, os processos econômicos e sociais, as formas de comportamento, os sistemas de normas, as técnicas e os tipos de classificações (BERT, 2013). São as relações de discurso e de poder que constituem a ordem e a desordem do discurso e que devem ser analisadas.(CATANI; MARTINEZ, 2001).

Foucault (1999) acrescenta que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida da sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra, mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, que ele lhe advém. Não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar.

A produção dos discursos são imediatamente formas de poder e saber que se relacionam mutuamente, são fragmentos de uma história, que constituem os sujeitos. Como acrescenta Fernandes (2012, p. 22): “os discursos, por sua vez, obedecem a determinações históricas; é a história que lhes assegura condições de possibilidade.”

[...] um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização;



um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas ‘aplicações práticas’) a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política (FOUCAULT, 2014, p.139).

Como afirma Fischer (2012, p. 74), há enunciados e relações que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso, de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos.

O discurso possui seu modo de existir, sua própria lógica, suas regras discursivas que produz verdades, gerando subjetividades.

A verdade será sempre uma produção e atesta os lugares e (ou) posicionamentos dos sujeitos, e o discurso materializa as verdades e revela esses posicionamentos. A verdade constitui objeto pelo qual se luta e também o poder do qual o sujeito deseja se revestir, e o discurso traduz essas lutas por meio de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos (FERNANDES, 2014, p. 117).

Sendo assim, os discursos são produtores de práticas e constituem o sujeito social, ou seja; exerce efeitos na constituição das subjetividades dos sujeitos e estão imersos em relações de poder e saber.

O discurso “oficial” brasileiro sobre o COVID-19

Estamos assistindo ao colapso social causado pela pandemia do COVID-19, e com um destaque para o avanço do ultraneoliberalismo, que atinge (atingirá!) os trabalhadores informais, mulheres trabalhadoras, negros, indígenas, população periférica e imigrantes, mesmo com a proposta de auxílio emergencial de R\$600,00, que durará três meses.

O que significa a quarentena para trabalhadores que ganham dia-a-dia para viver dia-a-dia? Arriscarão desobedecer à quarentena para dar de comer à sua família? Como resolverão o conflito entre o dever de alimentar a família e o dever de proteger as suas vidas e a vida desta? Morrer de vírus ou morrer de fome, eis a opção. (SANTOS, 2020).

São questões problemáticas por termos um discurso “oficial”, de valoração da economia, mas que desconsidera as reais situações de sobrevivência, as altas taxas de desemprego, a uberização nas relações de trabalho e desigualdades sociais. Para Petit



(2020,p.57): “El capitalismo es asesino, y esta afirmación no es consecuencia de ninguna afirmación conspiranoica. Se trata simplemente de su lógica de funcionamiento”.

É necessário a articulação entre as ações de prevenção e tratamento do COVID-19, com as áreas econômica e social, para a garantia de direitos.

O Ministério da Saúde (2020), adotou algumas medidas para evitar uma maior contaminação: Vigilância, Suporte laboratorial, Medidas de controle de infecção, Assistência farmacêutica, Vigilância sanitária, Comunicação de risco e gestão, estando incluso também , orientações para o hábito de lavar as mãos com água e sabão ou álcool em gel 70%.

Diante de tais medidas, como garantir a prevenção nas populações pobres brasileiras, se falta políticas públicas de saúde, saneamento básico, abastecimento de água, coleta de lixo, que culminam em exclusão social?. Para Lima e Bernardes (2020, p.35): “Uma situação de crise também acentua antigas e candentes contradições de nossa estrutura social, econômica e política”.

Porém muito além de políticas e projetos de governos, são necessários para a manutenção desses guetos princípios equânimes de distribuição de renda, trabalho, lazer, educação, saúde e saneamento básico. Que é direito de todos, e obrigação do Estado. (MACEDO,ORNELLAS e BONFIM, 2020,p.8).

Segundo Santos (2020), o impedimento de trabalhar para os que vendem nos mercados informais das grandes cidades significa que potencialmente milhões de pessoas não terão dinheiro sequer para acorrer às unidades de saúde se caírem doentes ou para comprar desinfetante para as mãos e sabão. Quem tem fome não pode ter a vaidade de comprar sabão e água a preços que começam a sofrer o peso da especulação. Noutros contextos, os uberizados da economia informal que entregam comida e encomendas ao domicílio, garantem a quarentena de muitos, mas para isso não se podem proteger com ela.

O atual governo tem demonstrado falta de interesse em seguir as medidas da OMS, como a propositura da Medida Provisória 928/2020 que suspenderia o prazo de resposta sobre informações públicas durante a pandemia. Medida esta, que foi suspensa



pelo Supremo Tribunal Federal, através de pedido impetrado pelo Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Contribuindo com a discussão, Santos (2020) afirma que alguns governos de direita, ocultaram informação, desprestigiaram a comunidade científica, minimizaram os efeitos potenciais da pandemia, utilizaram a crise humanitária para artimanha política. Sob o pretexto de salvar a economia, correram riscos irresponsáveis pelos quais, esperamos, serão responsabilizados.

Infelizmente isto tem sido posturas do governo atual brasileiro. O presidente lamentou a superação do Brasil em relação à China, nos casos de vítimas fatais, mas afirmou: “ E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre³.”

A fala demonstra a necropolítica que tem sido propagada pelo atual governo, além de uma retórica relacionada à religiosidade, se comparando ao Transcendente, seguindo a lógica de um neofascismo, que investe suas ideias em uma moral.

Lamentavelmente, temos visto o avanço da extrema direita e da direita no mundo, a ascensão do fascismo na Europa e na América Latina. E no Brasil esse direcionamento político tem se dado desde 2016, com o golpe político-social-econômico-jurídico e midiático, contra a presidenta legitimamente eleita Dilma Rousseff e se agravado no último pleito eleitoral.

A extrema-direita tem vindo a crescer um pouco por todo o mundo. Caracteriza-se pela pulsão antisistema, a manipulação grosseira dos instrumentos democráticos, incluindo o sistema judicial, o nacionalismo excludente, a xenofobia e o racismo, a apologia do Estado de exceção securitário, o ataque à investigação científica independente e à liberdade de expressão, a estigmatização dos adversários, concebidos como inimigos, o discurso de ódio, o uso das redes sociais para comunicação política em menosprezo dos veículos e media convencionais. Defende, em geral, o Estado mínimo, mas é pródiga nos orçamentos militares e forças de segurança. Ocupa um espaço político que por vezes lhes foi oferecido pelo fracasso rotundo de governos provindos da esquerda, mas que se entregaram ao catecismo neoliberal sob a artilosa ou ingénuo crença na possibilidade de um capitalismo de rosto humano, um oximoro desde sempre ou, pelo menos, nos tempos de hoje.(SANTOS,2020,p 25).

³ Isto é, dia 28/04/2020.



Segundo Zibechi (2020, P.118): “ En todo caso, el militarismo, el fascismo y las tecnologías de control poblacional son enemigos poderosos que, aunados, pueden hacernos un daño inmenso.”

Para Löwy (2020), o neofascismo não é a repetição do fascismo dos anos 1930, mas sim, um fenômeno novo, com características do século XXI. A exemplo, não toma a forma de uma ditadura policial, mas respeita algumas formas democráticas: eleições, pluralismo partidário, liberdade de imprensa, existência de um Parlamento, etc. Na medida do possível, trata de limitar ao máximo as liberdades democráticas com medidas autoritárias e repressivas.

Outro atenuante em meio à essa pandemia, foi a crise política que culminou com a exoneração do Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, no dia 16 de abril de 2020, que mesmo com a demora de dois meses para a tomada de medidas para conter a transmissão no país, teve uma diretriz de saúde em alinhamento à OMS, inclusive causando discordâncias em seu discurso em relação ao presidente da República, que defende o fim do isolamento social. Em seu lugar, foi nomeado o médico oncologista Nelson Teich, que defendia o isolamento horizontal e cautela em relação ao uso de cloroquina no tratamento do Coronavírus. Contudo, o médico pediu exoneração do cargo no dia 15 de maio de 2020, devido à divergências com o Presidente, com relação à medidas contra a pandemia. Em seu lugar assume interinamente o Secretário Executivo do Ministério da Saúde, general Eduardo Pazuello⁴, que não possui nenhuma formação na área.

O presidente da República assumiu uma postura de subestimar o problema, de que era apenas “uma gripezinha⁵” ou ainda, minimizando: “bom, haverá mortes, mas paciência...⁶”.

E é de forma radicalmente política que o tema - *o coronavírus* - tem sido manejado pelo governo Bolsonaro, mesclando negacionismo da pandemia, grandes conspirações da esquerda nacional e mundial, e o remédio milagroso da Cloroquina. A recalcitrância da mídia e das instituições em divulgar o medicamento, ainda em fase de testes, como a solução definitiva da doença é que seria responsável pelas milhares de mortes – e não a campanha ostensiva do próprio

⁴ Até o término desse texto, no dia 20/05/2020.

⁵ Folha de São Paulo, 20/03/2020.

⁶ Estadão, 27/03/2020.



Presidente da República contra o isolamento social. Novamente, o fio narrativo é o mesmo: tudo terá sido feito para criar as condições de instalar uma ditadura comunista no Brasil - inclusive o próprio vírus, sintetizado em laboratório pelo governo chinês.(TOSTES,2020,p.34).

O dignitário conseguiu em meio esse caos temporário causado pela pandemia, criar um atrito diplomático com a China, grande fornecedor de insumos da saúde, como também, tem apoiado manifestações, inclusive com atitudes desrespeitosas com buzinações em frente a hospitais, participação em passeios pela capital do país e em manifestações pró-golpe militar, não evitando o distanciamento social, tão propagado pelos órgãos de saúde e ainda com um discurso eloquente de que “ O Brasil não pode parar”⁷.

Esse discurso, tem demonstrado uma concordância a uma política genocida para o povo brasileiro, de base neofascista e social-darwinismo, de que os fortes sobreviverão, ou seja; como o mesmo afirma, os com “ histórico de atletas”⁸.

Há uma política de recusa das medidas sanitárias e de confinamento da população por parte do presidente da República, desprezo pela ciência, principalmente às orientações de pesquisadores e da própria OMS, além de uma desarticulação do governo federal com Estados e Municípios.

Também sob a articulação e apoio dos neopentecostais, incentivou no dia 05 de abril de 2020, um jejum nacional, com orações e jejuns para salvar o Brasil dessa pandemia.

No dia 11 de maio foi editado o Decreto Nº 10.344, no qual inclui academias, salões de beleza e barbearias na lista de serviços essenciais, demonstrando explicitamente o viés elitista, de alinhamento com empresários e aprofundamento de desigualdades, além da distorção do que é uma política de cuidado e de garantia de direitos, ao afirmar: “Saúde é vida. Academias, salões de beleza e barbearias foram incluídas em atividades essenciais”⁹.

⁷ Slogan da Campanha governamental O Brasil não pode parar, reforçando o discurso do atual presidente em relação à crise do novo Coronavírus.

⁸ Correio do Estado, 26/03/2020.

⁹ O Globo, 11/05/2020.



A pandemia, longe de enterrar o neoliberalismo, acelera seu entranhamento, reforça a política que já vinha em curso mais lentamente, de medidas de austeridade para as áreas sociais. Utilizam-se da retórica da enorme crise que está por vir para anunciar suas medidas de cortes de salários, flexibilização de direitos trabalhistas.(SOARES,2020).

O Ministério da Saúde divulgou no dia 20 de maio de 2020, um novo protocolo para o uso de cloroquina e hidroxicloroquina para o covid-19, ainda sem respaldo científico sobre sua eficácia, demonstrando uma postura anticiência, pois não há estudos científicos robustos que garantam a eficácia de seu uso, tipicamente elementos que demonstram o obscurantismo fascista do atual governo e uma pseudociência verbal.

Como afirma Santos (2020), a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento. Ainda de acordo com o referido autor, grande parte da população do mundo não está em condições de seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde para nos defendermos do vírus, porque vive em espaços exíguos ou altamente poluídos, porque são obrigados a trabalhar em condições de risco para alimentar as famílias, porque estão presos em prisões ou em campos de internamento, porque não têm sabão ou água potável, ou a pouca água disponível é para beber e cozinhar, etc.

Contudo, já se sabe que caminhos se levam à política de estado no Brasil, que por via pensa no capital como única saída, sucateando os direitos e conquistas dos cidadãos, trabalhadores e trabalhadoras que estão nas favelas, periferias e guetos. (MACEDO,ORNELLAS e BONFIM, 2020). “Não há dúvidas que continuamos nas poderosas mãos de gigantes corporativos, que os interesses financeiros se apropriam dos próprios governos, que populações frustradas pela política que não lhes serve votam em qualquer demagogo que lhes alimente o ódio.”(DOWBOR, 2020, p.120).

Destarte, Galindo (2020, p.121) afirma:

“El coronavirus podría ser el Holocausto del siglo XXI para generar un exterminio masivo de personas que morirán y están muriendo, porque sus cuerpos no resisten la enfermedad y los sistemas de salud las, les y los han classificado bajo una lógica darwiniana como parte de quienes no tienen utilidad y por eso deben morir.



Finalizando, penso que o que está em jogo vai muito além de medidas sanitárias para conter o vírus, mas sim, o perigo dos que estão autorizados a falar e que elaboram diariamente discursos tidos como “verdades” e constituem práticas que afetam as subjetividades dos sujeitos e os direitos humanos. Outras urgências são necessárias para efetivar a garantia de direitos e políticas de igualdade social, com o avanço do capitalismo ultraneoliberal e do neofascismo, aos que vivem em condições de vulnerabilidade e de negação de direitos. E que “acima de tudo e de todos”, convivem com uma desigualdade abissal.

Referências:

BERT, Jean- François. **Pensar com Michel Foucault**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

CATANI, Afrânio Mendes; MARTINEZ, Paulo Henrique. **Sete ensaios sobre o Collège de France**. 2 ed. São Paulo, Cortez, 2001.

DOWBOR, Ladislau. Além do Corona Vírus. In: TOSTES, Anjuli; FILHO, Hugo Melo. **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. 1.ed. Bauru: Canal 6, 2020. Recurso digital. – (Projeto Editorial Praxis). p.113-120.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

_____. Em Foucault, o sujeito submergido no discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; CARCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. **Presenças de Foucault na Análise do Discurso**. São Carlos: EDUFSCar, 2014, p. 107-124.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução: Salma Tannus Muchail. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

GALINDO, María. Desobediencia, por tu culpa voy a sobrevivir. AGAMBEN, Giorgio (et.al.). **Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tempos de pandemias**. Editorial: ASPO, 1ª edición: marzo 2020, p.119-127.

LIMA, Luciméa Santos; BERNARDES, Marcus. Do caos à Pandemia: Educação emergencial em Escolas do Campo. In: SOARES et al. **Coronavírus, educação e luta de classes no Brasil**. Editora Terra Sem Amos: Brasil, 2020, p.35-44.

LOWY, Michael. ”Gripezinha”: o neofascista Bolsonaro diante da Epidemia. In: TOSTES, Anjuli; FILHO, Hugo Melo. **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e**



depois.1.ed.Bauru: Canal 6, 2020.Recurso digital. – (Projeto Editorial Praxis). p.147-151.

MACEDO, Yuri Miguel;ORNELLAS, Joaquim Lemos;BOMFIM, Helder Freitas do.COVID – 19 no Brasil: o que se espera para população subalternizada? Revista Encantar - **Educação, Cultura e Sociedade** - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-10, jan./dez. 2020. Disponível in: file:///C:/Users/Karla/Downloads/COVID_-_19_NO_BRASIL_o_que_se_espera_para_populaca.pdf.Acesso em 20 de abril de 2020.

PETIT,Santiago López.El coronavirus como declaración de guerra. AGAMBEN, Giorgio (et.al.).**Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tempos de pandemias.** Editorial: ASPO, 1ª edición: marzo 2020, p.55-58.

PIOVEZANI, Carlos; CARCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. **Presenças de Foucault na Análise do Discurso.** São Carlos: EDUFSCar, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus.** EDIÇÕES ALMEDINA, S.A. Coimbra, 2020.

SOARES, Sávvia Bona V. Coronavírus e a Modernização conservadora da Educação. In: SOARES et al. **Coronavírus, educação e luta de classes no Brasil.** Editora Terra Sem Amos: Brasil, 2020,p.5-14.

TOSTES,Anjuli.Pandemia, Populismo e Nova Ordem Social. In: TOSTES,Anjuli; FILHO,Hugo Melo. **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois.**1.ed.Bauru: Canal 6, 2020.Recurso digital. – (Projeto Editorial Praxis).p.31-43.

ZIBECHI,Rául.A las puertas de un nuevo orden mundial. AGAMBEN, Giorgio (et.al.).**Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tempos de pandemias.** Editorial: ASPO, 1ª edición: marzo 2020, p.113-118.